

**ESTUDOS CLÁSSICOS E
SEUS DESDOBRAMENTOS:**
ARTIGOS EM HOMENAGEM À PROFESSORA
MARIA CELESTE CONSOLIN DEZOTTI

Organizado por:
Fernando Brandão dos Santos
Jane Kelly de Oliveira

CULTURA
ACADÊMICA 

Editora

Copyright © 2015 by FCL-UNESP Laboratório Editorial
Direitos de publicação reservados a:
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km. 1
14800-901 – Araraquara – SP
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Estudos Clássicos e seus desdobramentos : artigos em homenagem à
professora Maria Celeste Consolin Dezotti / Organizado por: Fernando
Brandão dos Santos ; Jane Kelly de Oliveira. –
Es889 São Paulo, SP : Cultura Acadêmica, 2015.
326 p. ; 21 cm. – (Série Estudos Literários; 16)

ISBN 978-85-7983-728-9

1. Literatura clássica. 2. Dezotti, Maria Celeste Consolin.
3. Literatura -- Estudo e ensino. I. Santos, Fernando Brandão dos.
II. Oliveira, Jane Kelly de. IV. Série.

CDD 808.07

O INTERDISCURSO DO TEXTO INTITULADO *A RECEPÇÃO DO DISCURSO ALEGÓRICO DA FÁBULA*

Cássia Regina Coutinho SOSSOLETE

Introdução

Temos dois objetivos no texto que será apresentado e que denominamos *O interdiscurso do texto intitulado A recepção do discurso alegórico da fábula*.

O primeiro consiste em divulgar os resultados de tese de doutorado já defendida. O segundo objetivo, de maior relevância, nos levará a colocar em evidência o processo de construção do objeto da tese intitulada *A recepção do discurso alegórico da fábula* (SOSSOLETE, 2003).

Por que consideramos o segundo objetivo deste texto de maior importância do que o primeiro?

Pelos equívocos de julgamento de pesquisadores iniciantes que acreditam que o objeto de uma pesquisa resulta de um *insight* que alguns poucos privilegiados teriam e que os fariam iniciá-la com conhecimento de causa sobre o que será dito na sequência. Definido o objeto, o pesquisador envidaria esforços no sentido de demonstrar a sua relevância em relação àquelas que foram realizadas em outros

momentos, a que teria acesso por meio de levantamento bibliográfico realizado com rigor. Dessa perspectiva, somos levados a crer que os nossos trabalhos constituem um divisor de águas. Acreditamos, por isso, que a pesquisa que realizamos textualizaria discursos não-ditos, não-pensados. De alguma forma, queremos nos convencer de que o texto que tornamos público seja inédito, original.

Hoje, distanciamo-nos desse ponto de vista, embora não nos passe despercebido o fato de que a pesquisa pode deslocar os modos de leitura do objeto que definimos, em nosso caso, quando fizemos o doutorado. No momento em que estamos de nossa carreira, não conseguimos, entretanto, defender posições que nos levariam a considerar que o resultado de nossas investigações teria o estatuto de um discurso fundador no sentido de ser um discurso primeiro.

Na sequência deste artigo, mais do que colocar em evidência a pesquisa que realizamos, buscaremos demonstrar a importância de pesquisas anteriores realizadas sobre a fábula, particularmente daquela que foi realizada pela Prof^a Dr^a Maria Celeste Consolin Dezotti, professora da área de língua e literatura gregas, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, do Câmpus de Araraquara, na qual nos apoiamos para realizar a nossa.

A recepção do discurso alegórico da fábula

Como dissemos, focalizaremos nessa seção os resultados da pesquisa realizada, para, em um segundo momento, apresentarmos o intertexto com o qual dialogamos que tornou possível problematizar um discurso crítico sobre a fábula.

Diremos que, com o nosso trabalho, pudemos demonstrar dois fatos: **o de que a fábula fala de homens e para homens** e o segundo de que fala de homens e para homens por meio da construção de tipos na instância da fábula que corresponde ao discurso moral.

A pesquisa realizada em nível de doutorado tornou-se possível em virtude do fato de termos sido professora responsável pelas disciplinas *Prática de Ensino de Línguas Estrangeiras: Grego e Latim*

**O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula**

e *Estágio Supervisionado de Prática de Ensino de Línguas Estrangeiras: Grego e Latim*, ministradas no período diurno aos alunos do curso de Letras, e *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: Grego e Estágio Supervisionado de Prática de Ensino de Língua Estrangeira: Grego*, oferecidas no período noturno.

Com efeito, como professora responsável por tais disciplinas, tinha a possibilidade de definir os programas, que seriam referendados, posteriormente, pelo Departamento a que pertencço, o Departamento de Didática.

Estabeleci a fábula como objeto de estudo nas disciplinas a que acabamos de nos referir com o objetivo de que os alunos realizassem transposições didáticas nos estágios obrigatórios que fariam junto à rede oficial de ensino, por haver uma tradição de pesquisa em relação a este gênero de discurso entre os professores de Grego e de Latim, da Faculdade de Ciências e Letras. A relevância da fábula para esses professores que estavam em nossa Faculdade na época em que fiz o doutorado mostrava-se ainda pela possibilidade que tinham de cultivar o gosto dos alunos pela tradução e pela versão a partir desse gênero de discurso, de pequena extensão, competências que deveriam ser adquiridas por graduandos que obteriam a habilitação em Grego e/ou em Latim.

Como professora de *Prática de Ensino de Línguas Estrangeiras*, busquei desenvolver um trabalho que estivesse em consonância com uma das pesquisas realizadas pelos professores de Letras Clássicas cujos trabalhos de ensino, de pesquisa e de extensão sempre foram valorizados pela comunidade acadêmica interna e externa à UNESP.

Realizei uma atividade relativamente simples em sala de aula que consistia em apresentar a fábula aos alunos sem o discurso metalinguístico e sem o discurso moral. Solicitei dos alunos que identificassem a intenção de significação que teve o “fabulista” com a produção do discurso que corresponde à narrativa.

No momento em que solicitei a reescritura da moralidade, acreditei que os enunciados que seriam propostos pelos alunos, do ponto de vista semântico, estariam muito próximos da moral que se encontra na fábula original. Ledo engano, pois, no processo de reconhecimento do sentido intencionado na narrativa, os alunos

de Grego e Latim identificaram outros significados possíveis que passarei a apresentar em relação à fábula *O asno que carregava sal*, traduzida pela Prof^a Maria Celeste Consolin Dezotti. A primeira fábula apresentada será aquela que foi traduzida do Grego.

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

Assim, também, certos homens não notam que se arrastam para desgraças, devido às suas próprias resoluções. (ESOPO apud DEZOTTI, 1991, p.19).

A pergunta que nos fizemos acerca dos enunciados propostos pelos alunos com base na narrativa da fábula *O asno que carregava sal* diz respeito às relações que eles entreteriam com a moralidade da fábula original, mais precisamente, com a fábula composta por **discurso narrativo, discurso metalinguístico e discurso moral** da fábula que acabamos de citar.

O fato de o **discurso metalinguístico** estabelecer relações sintáticas e semânticas entre o **discurso narrativo** e o **discurso moral** nos fez perceber que, ainda que as relações e as diferenças fossem sutis entre os enunciados, os alunos produziram outra fábula, independentemente do fato de terem realizado uma atividade escolar que desconsidera, de alguma forma, a situação de enunciação na qual os textos, os discursos, são produzidos.

Observará o leitor que, nas fábulas que serão apresentadas a seguir, o personagem central da narrativa é tipificado na moralidade, ao mesmo tempo, como **irresponsável; precipitado, desatento; oportunista, aproveitador; preguiçoso, comodista; fingido, falso;**

*O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula*

tolo; etc., sem que a narrativa apresente um único adjetivo do qual fosse possível deduzir comportamentos próprios a esses tipos.

Sobre os atores da fábula e sobre sua função, Lima dirá que

É constitutiva da fábula a instalação no seu texto de atores 1. não-humanos, ainda que por vezes antropomorfos, os quais respondem por ações não-humanas, e 2. humanos, por mais que figurativizados, responsáveis por ações – virtuais – humanas. Atores não-humanos são os da história e atores humanos, os da moral. A oposição antropomorfo vs humano será pertinente se se levar em conta que a existência de fábulas com a presença de pessoas (mescladas ou não a animais) entre os atores da história, mesmo que obtida por nomes marcados em seu núcleo pelo sema humano (um rei, um homem, um pastorzinho, Américo Pisca-pisca, a menina do leite, uma viúva, etc.), não se referem ao ser humano como tal, “ao que é próprio do homem” e sim ao que lhe é incidental, rotineiro, adquirido culturalmente em decorrência do gosto, do hábito, do capricho até do vício ou mesmo de deficiências congênitas, de tudo aquilo, em suma, que pode resultar na transformação do homem em tipo, em caricatura, em algo desumano [...] (LIMA, 1984, p.66, grifo do autor).

Em relação aos personagens da fábula, temos descrições que mostram que as personagens da narrativa podem ser homens; divindades; partes do corpo; estações do ano e assim por diante. Tivemos, assim, de explicar por que, apesar dos personagens da narrativa serem seres humanos ou não-humanos, os graduandos reconheceram na instância moral o fato de que **a fábula fala de homens e para homens, tipificando-os sempre.**

Passaremos à apresentação das fábulas produzidas pelos alunos, chamando a atenção para o fato de que o reconhecimento da presença do humano e da construção de tipos exigiu e exige intensa atividade de teorização a cada vez que nos referimos ao trabalho realizado. Sinalizaremos uma das discussões, que poderá ser feita em outro artigo, que nos oferece elementos para a compreensão das

questões colocadas nesse parágrafo: a importância da atividade, do processo de predicação na construção de sentidos reconhecidos pelos alunos durante a leitura da narrativa.

Observe o leitor que as fábulas que foram criadas com base no discurso que a instância narrativa abriga passa a constituir uma metáfora para a produção de outras fábulas em diferentes contextos de enunciação, conquanto os alunos adquiram consciência dos significados potenciais da narrativa da fábula.

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que você colhe o que plantou. (ASSC)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que o homem não pode desafiar a vida com conclusões precipitadas. (ASSC)

***O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula***

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que não se deve desafiar a vida com conclusões precipitadas. (SJL)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que atitudes precipitadas e não averiguadas sempre acabam em desgraças. (EM)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que quem tenta, com fingimento, livrar-se de suas obrigações termina em pior estado. (LJL)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que aqueles que tentam tirar proveito de situações em benefício próprio, baseando-se em experiência que, por acaso, deram certo uma vez, podem muitas vezes não obter sucesso. (GL)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que a preguiça é inimiga da vida. (GASS)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que a inteligência em benefício de coisas vis é punida. (FRSS)

***O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula***

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que aquele que tenta fazer o que não lhe é devido se prejudica. (PMBM)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que para cada situação deve-se pensar uma solução diferente, porque não existem verdades gerais, mas contextuais. (LCAMS)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que o tolo, quando se deixa levar pela esperteza, se prejudica. (FDT)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que é necessário perspicácia para realizar o mais simples dos trabalhos. (LFMMC)

O asno que carregava sal

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que o homem pode cair em desgraça, quando põe em risco a própria vida, para aliviar os fardos que tem de carregar. (LHP)

Em relação à pesquisa intitulada *A recepção do discurso alegórico da fábula*, um outro resultado merece ser destacado: as implicações que resultam do processo de tematização dos enunciados formulados pelos alunos na instância moral em relação à narrativa.

Há evidências de que a atividade de interpretação da narrativa fabular realizada pelo leitor impõe-se a partir do momento em que se verifica uma quebra nas relações de causalidade e temporalidade entre os enunciados da narrativa. Fixando a sua interpretação nessa quebra de concomitância, o produtor-escritor

***O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula***

e o produtor-leitor buscam explicá-la a partir da avaliação das relações (de concomitância) entre as noções de causalidade e de temporalidade tal como ele a (re)constrói durante a leitura da narrativa. (SOSSOLOTE, 2003, p.22).

As constatações que fizemos durante a análise das fábulas, de “Esopo”, e da possibilidade de uso da fábula em contexto – proposta que resultou da pesquisa realizada – é a de que as relações entre os seus enunciados são relações de temporalidade e de causalidade, propriedades que podem ser estendidas a todas as narrativas.

Por último, queremos destacar o fato de que, na tese que defendemos, analisamos cinquenta e oito fábulas¹, de Esopo, apresentadas aos alunos tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico.

O Interdiscurso do texto intitulado A recepção do discurso alegórico da fábula

Nesta seção, temos o objetivo de demonstrar as contribuições da pesquisa desenvolvida por Dezotti (1988), intitulada *A fábula esópica anônima: uma contribuição ao estudo dos “atos de fábula”*.

Faremos referência, nessa seção, ao processo pelo qual passamos, quando entramos em contato com as propriedades discursivas da fábula a partir da pesquisa desenvolvida por Dezotti (1988) que realizou atividade de investigação a respeito da história da crítica da fábula da qual partimos para realizar a nossa pesquisa de doutorado.

Como a contribuição desse trabalho não se restringe à descrição de esquemas sintáticos que introduzem o discurso moral, partimos da primeira parte da pesquisa realizada pela autora, já que ali se encontram referenciados os autores que, ao longo dos séculos, se dedicaram ao estudo da fábula. Durante a apresentação da primeira parte da pesquisa realizada pela autora, o leitor terá acesso ao modo como fui dialogando com o discurso da crítica, fato que permitiu que realizássemos o nosso próprio trabalho.

¹ Cf. Dezotti (1991).

Gostaríamos de ressaltar, inicialmente, embora esse fato não cause nenhum estranhamento, que das propriedades discursivas que foram atribuídas às fábulas pelos críticos, nem todas foram problematizadas de igual forma.

Pode-se dizer que as definições propostas para a fábula com as quais estabelecemos relações mais polêmicas foram aquelas propostas por Aristóteles, (1973 apud DEZOTTI, 1988, p.8-11); por Teon (DEZOTTI, 1988, p.11-12), retor que possivelmente viveu no século I ou II d.C.; e por Suleiman (DEZOTTI, 1988, p.37-41).

Começaremos apresentando a concepção de Teon sobre a fábula, já que esse conceito foi o que mais nos pareceu problemático. Duas definições foram apresentadas por esse autor. Por meio da primeira, ele caracterizou a fábula como um discurso mentiroso que retrata uma verdade. Por meio da segunda, ele definiu a fábula, considerada naquela época como composta de duas partes, de uma narrativa e de uma moral, como um discurso seguido de outro discurso, o primeiro mentiroso e o segundo verdadeiro, tendo a narrativa, discurso mentiroso, a propriedade de ser a imagem da moralidade, que apresenta os atributos de um discurso verdadeiro.

Nøygaard (1964 apud DEZOTTI, 1988, p.11), tendo apresentado e comentado em sua obra a concepção de Teon a respeito das fábulas que se apresentam apenas na forma de narrativa, chega ao ponto de dizer que elas oferecem a possibilidade de a moralidade ser deduzida do discurso que apresenta as propriedades ligadas à mentira.

Com efeito, o que nos incomodava nessa definição de fábula era o fato de que se atribuía à narrativa e à moralidade propriedades distintas, já que a primeira foi considerada um discurso mentiroso e a segunda um discurso verdadeiro, para, em um segundo momento, anular essa distinção ou porque a moralidade pode ser deduzida da narrativa, no caso de fábulas que apresentam apenas essa instância de discurso, ou porque o discurso mentiroso foi considerado a imagem do discurso verdadeiro.

Com efeito, pareceu-nos necessário, na época em que realizamos a pesquisa já apresentada, identificar as marcas da mentira e da verdade na fábula.

*O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula*

No entanto, se, por um lado, havia Teon que considerou a narrativa da fábula um discurso mentiroso, Lessing, em 1759 (apud DEZOTTI, 1988 p.13), buscando diferenciar **a fábula da parábola**, disse apresentar-se **a fábula** como se fosse real, ao contrário da **parábola**, que se apresenta como simples possibilidade.

Observe-se, então, o modo como as definições são modalizadas. Enquanto Teon diz ser a narrativa um discurso mentiroso e a moralidade um discurso verdadeiro, Lessing se refere à fábula como um todo como se fosse real. Afinal, estamos diante da mentira ou da verdade?

Se for da mentira, é necessário identificar as propriedades que a definem, o mesmo procedimento devendo ser adotado, se se quiser encontrar as marcas da verdade.

Por outro lado, se entre aquilo que **é** e aquilo que **não é** encontra-se aquilo que **parece ser**, julgamos necessário compreender como se constrói esses efeitos de sentido ligados à verdade na fábula.

Tomemos, agora, a definição apresentada por Aristóteles (apud DEZOTTI, 1988). Ele a definiu como se fosse um texto constituído de duas partes: de uma narrativa inventada e de uma parte que permitiria à aplicação da narrativa à situação presente que estava em discussão.

Como Aristóteles a definiu na Retórica (1973 apud DEZOTTI, 1988, p.8), tendo em vista o fato de considerá-la um expediente persuasivo, ele recomendou o uso de fábulas sempre que o orador tivesse dificuldades para encontrar exemplos que se referissem a fatos do passado. Ele disse: “para imaginá-las, assim como as parábolas, basta reparar nas analogias” (ARISTÓTELES, 1973 apud DEZOTTI, 1988, p.11).

Haveria, então, analogia entre o discurso primeiro e o discurso segundo, que corresponderiam, para Teon, ao discurso narrativo e ao discurso moral? Ou haveria analogia entre um tipo de exemplo retórico como a fábula que se refere a fatos inventados pelo narrador e outro que se referiria a fatos efetivamente ocorridos no passado?

Essa pergunta mostrou-se relevante na época em que apresentamos e discutimos com os alunos da “Prática” a fábula *O asno que se julgava leão*. Focalizando o fato de que o ser do qual se fala, “um

asno”, é caracterizado como alguém que tenta ser o que não é por meio da fábula que segue,

O asno que se julgava leão

Um asno coberto com uma pele de leão fazia que todo mundo pensasse que ele era leão, pondo em fuga tanto homens como rebanhos. Mas, assim que soprou uma rajada de vento, a pele se despegou e o asno ficou nu. Aí então todos acorreram e o espancaram com paus e porretes.

A fábula mostra que você, que é pobre e gente comum, não deve imitar as atitudes dos ricos, para não ser alvo de caçadas nem correr riscos, pois o que é alheio, é impróprio. (ESOPO apud DEZOTTI, 1991, p.20).

um dos alunos localizou um *lead* de jornal que mostrava claramente que havia analogia, como dissera Aristóteles (apud DEZOTTI, 1988, p.11), entre as fábulas que considerou um expediente persuasivo e os fatos passados, verdadeiramente ocorridos. Apresentaremos o texto que, constituiu, sem dúvida nenhuma, importante contribuição à pesquisa que realizei.

**IRMÃO DE VEREADOR DE SP
É PRESO EM FLAGRANTE**

Policiais prenderam em flagrante Willians Izar, irmão do vereador José Izar, sob a acusação de exigir que funcionários no gabinete do vereador em São Paulo lhe entregassem parte de seus salários. Com Willians, a polícia achou R\$2.500,00, vales-refeição e uma lista com nome de servidores.

Willians se disse inocente e vítima de armação. Seu irmão afirmou ter ficado surpreso e chocado com a prisão (IRMÃO..., 2000, p.1).²

² Esse texto foi apresentado em plano de aula elaborado pelo aluno Luis Carlos André Mangia Silva, no segundo semestre de 2000, quando cursou a disciplina

*O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula*

Ao mesmo tempo que dialogávamos com os críticos, entramos em contato, por meio do trabalho de pesquisa realizado por Dezotti (1988), com a concepção de Suleiman (1977 apud DEZOTTI, 1988, p.37-41) sobre a fábula.

Grosso modo, o modelo construído pela autora para explicar como se estrutura a fábula mostrava que ela é composta por três tipos de enunciados: enunciados narrativos, enunciados interpretativos e enunciados pragmáticos.

O primeiro foi considerado “uma metáfora da verdade”, uma forma indireta e desviada de demonstrar o valor de verdade de algo; o segundo teria a função de fixar o sentido da fábula, tendo em vista o fato de o enunciado narrativo poder ser lido em seu sentido literal e o terceiro fixaria uma regra de ação.

Observe o leitor que o modelo de Suleiman (apud DEZOTTI, 1988) colocavá-nos em difícil situação. Se, por um lado, havia a posição de Suleiman que considerava a fábula como se fosse um tipo de discurso cujo sentido seria unívoco, uma vez que aquele que fala por meio de fábulas fixaria o seu sentido na segunda parte da qual é composta, por outro lado, havia os enunciados “morais” propostos pelos alunos. A fábula teria ou não teria sentido unívoco?

Todas essas indagações surgiram, no momento em que tivemos acesso a **história da crítica da fábula**.

Verificamos, ainda, que a mesma concepção de Aristóteles e Teon foi retomada por Perry, no século XX, no momento em que conceitua a fábula. Para ele, a fábula seria “a fictitious story picturing a truth”. Em outros termos, “[...] apenas uma metáfora em forma de narrativa no passado, um modo indireto e não-explicito de dizer algo.” (apud DEZOTTI, 1988, p.17-18). Explícito e implícito para Portella (século XX) seriam a moralidade e a narrativa (DEZOTTI, 1988).

Foi por meio do levantamento bibliográfico realizado por Dezotti (1988), textualizado na primeira parte de sua dissertação, que tivemos acesso ao artigo de Lima (1984). Rompendo com uma tradição antiquíssima que fez ver a fábula como se fosse um

texto composto de duas partes - de um discurso narrativo e de um discurso moral - Lima (1984) identificou, no interior do discurso moral, a existência de um outro tipo de discurso que teria a função de remeter à instância da enunciação. Esse discurso, denominado por Lima **discurso metalinguístico**, mostraria ao leitor a presença do enunciador, realizando a atividade de interpretação do discurso narrativo.

Pode-se dizer que a contribuição do trabalho de Lima (1984) para os estudos sobre a fábula está relacionada ao fato de esse autor ter ido além da crítica, no tocante à composição dos textos assim denominados, já que ele foi o primeiro a identificar a presença de um outro discurso. Preocupado em elucidar a presença do **discurso metalinguístico** no corpo da fábula e buscando demonstrar a função que ele desempenha em relação ao discurso narrativo e ao discurso moral, essas duas partes constitutivas da fábula foram consideradas pelo autor instâncias enunciativas que caberia ao discurso metalinguístico articular, fato que denuncia a presença do intérprete no interior dos textos fabulares. Nesse sentido, ele se afasta dos críticos que estiveram preocupados com o valor de verdade da narrativa e da moralidade.

Diz Lima a esse propósito,

Como se vê, qualquer que seja a maneira pela qual se manifeste o discurso representado, neste caso, por moral, ele é sintaxicamente exterior tanto à história em si quanto à moral da fábula. Sem o recurso aos conceitos postos à disposição pela teoria da enunciação, não há nenhuma possibilidade de explicação metodológica desse discurso na economia de uma fábula. A prova é que até hoje os estudos sobre a fábula só viram nela a história e a moral. Esse costume é mais uma confirmação do preconceito conteudista, inicialmente apontado. Não ler o discurso metalinguístico da fábula, seja qual for a maneira pela qual se exprime: seja pela simples palavra moral, seguida de dois pontos e em destaque, encabeçando parágrafo, depois da história, ou com faz o grego com o ho mytos deloi, a fábula mostra, e a sua tradução latina multivariada: testatur haec fabella propositum

*O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula*

meum; paucis ostendamus uersibus ...; testis haec narratio est; id esse uerum parua haec fabella indicat, ou mesmo pela simples mudança de entonação que se dá à prolação do enunciado, não ler esse discurso é, no mínimo, deixar incompleta a tarefa linguística de análise do discurso pela qual o texto da fábula se atualiza [...] (LIMA, 1984, p.63-64, grifo do autor).

A identificação de que na fábula há a construção de tipos e de que há a indefinição de personagem, tempo e espaço nas instâncias que a compõem possibilitou algumas sínteses: a de que a narrativa fala de homens e para homens e a de que a fábula é produzida de forma a indeterminar os seres dos quais se fala, tendo em vista o fato de que o contexto de enunciação em que elas são produzidas são contextos ligados à impossibilidade de dizer o que se diz. Afirmamos, assim, ser a descrição das personagens que a narrativa abriga, tais como, “[...] deuses, heróis, homens, plantas, objetos, diferentes partes de um mesmo corpo, entidades abstratas.” (DEZOTTI, 1991, p.15), o primeiro passo para explicar como o leitor reconhece a referência ao humano na narrativa. Ainda que essa instância apresente seres predicados com atributos humanos e não-humanos no fio do discurso, como demonstramos em nossa tese, é por meio da operação de predicação que se reconhece o referente das narrativas fabulares retomado na moralidade, de forma explícita. Os implícitos, todavia, não impedem o reconhecimento de que a narrativa **fala de homens e para homens**.

É preciso ressaltar que, no momento em que tivemos acesso à literatura apresentada por DEZOTTI (1988), deixamos de operar com conceitos que reafirmam dicotomias que distinguem a existência de discursos denotativos e conotativos. Para nós, se há diferença entre um discurso e outro, ela se mostra apenas em função da frequência de ocorrência de certos recursos de expressão.

A título de conclusão

O **interdiscurso**, concepção formulada pela Análise do Discurso de tradição francesa, estabelece relações polêmicas com con-

cepções que sustentam a possibilidade de o sujeito estar na origem de seu dizer. O interdiscurso constitui para AD, dessa perspectiva, o espaço de constituição dos discursos que podem estabelecer entre si relações que vão da **concordância** ao **afrontamento**, responsáveis, por sua vez, pela constituição dos sentidos.

O objetivo do texto que acaba de ser apresentado não foi apresentar e localizar, para colocar em evidência, um discurso primeiro que corresponderia, nesse caso, a dissertação intitulada *A fábula esópica anônima: uma contribuição ao estudo dos “atos de fábula”*. Ao contrário, quisemos reafirmar o fato de que os discursos estabelecem entre si relações dialógicas. Negá-las contribuiria, em nossa opinião, para apagar o trabalho do sujeito em um dado momento de sua história e em um dado momento histórico.

Com apresentação do texto da Prof^a Dr^a Maria Celeste, convidamos o leitor à leitura do texto original, pois destacamos as contribuições mais evidentes para a pesquisa já realizada. Somente pela leitura do original, o leitor terá consciência de suas qualidades como pesquisadora, tradutora e docente interessada em divulgar os resultados de seu trabalho com seriedade e sem os rebuscamentos dos textos acadêmicos. Que a falta de rebuscamento não seja confundida com ausência de densidade de seu texto.

REFERÊNCIAS

DEZOTTI, M. C. C. **A fábula esópica anônima**: uma contribuição ao estudo dos “atos de fábula”. 1988. 225f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1988.

DEZOTTI, M. C. C. (Coord.). **A tradição da fábula**. Araraquara: FCL-Unesp, 1991. (Textos, n.8).

IRMÃO de vereador de SP é preso em flagrante. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 out. 2000. p.1.

LIMA, A. D. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. **Significação**: revista brasileira de semiótica, Araraquara, n.4, p.60-69, 1984.

O interdiscurso do texto intitulado
A recepção do discurso alegórico da fábula

SOSSOLOTE, C. R. C. **A recepção do discurso alegórico da fábula**. 2002. 428f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.